

SPACE AND PLACE 2013¹

Espaço e lugar 2013

Yi-Fu Tuan²

ABSTRACT

Forty years ago the understanding of space and place were brought into light in the moment that humanist geography was starting to be drawn by some very dissatisfied geographers with the status quo of our science. But four decades after, does it still make sense to discuss space and place meanings? Isn't it solved? The answer is, respectively, yes and no. Since man and manhood are our significance start point we are – and should be – constantly changing. Therefore, space and place are not necessarily the same after these years. This conference presents some thoughts in search of the concepts but, most of all, seeking to understand the mutual and current consequences of the relation between our life and space and place.

Keywords: Humanist Geography. Humanism. Uprooting.

RESUMO

Há cerca de quatro décadas, espaço e lugar começaram a ser discutidos em meio ao momento em que a Geografia humanista começava a ser desenhada por alguns geógrafos insatisfeitos com o status quo de nossa ciência. Mas quatro décadas depois ainda faz sentido discutir o significado de espaço e lugar? Este não está solucionado? A resposta é, respectivamente, sim e não. Uma vez que o homem e a humanidade são o ponto de partida das nossas significações estamos – e devemos estar – constantemente mudando. Portanto, espaço e lugar não são necessariamente a mesma coisa depois de tanto tempo. Esta conferência apresenta algumas reflexões na busca dos conceitos mas, sobretudo, procurando compreender as mútuas e atuais consequências da relação entre nossa vida, espaço e lugar.

Palavras-chave: Geografia Humanista. Humanismo. Desenraizamento.

¹ Videoconferência proferida no encerramento do IV Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia (SEGHUM), realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói (RJ) no dia 25 de Outubro de 2013, Traduzido por Letícia Pádua com revisão de Werther Holzer. Agradecemos ao autor pela autorização para a publicação desta edição bilíngue.

² Professor Emérito da Wisconsin University (EUA). webmaster@yifutuan.org.

✉ Department of Geography 550, North Park Street, 53706. Madison, Wisconsin, EUA.



Several years ago, I gave a talk on “Space and Place” at the Spring Harbor Middle School. I told the eleven-to-twelve year-old students, “Space implies adventure, new experience, but it also entails risk: for example, the boat on Lake Mendota where your classmates are may sink.” Students nodded in agreement. I continued, “Place, by contrast, is safe and familiar. Your classroom, which is where you are now, is a place. It is safe and familiar, but for that reason it can be boring.” This time, they not only agreed but shouted their agreement with “Yes, this class is boring!” I was shocked, so much so that I didn’t have the wit to say, “Yes, perhaps. Yet it is precisely in this boring place that you are learning about – space and place. Your friends on Lake Mendota, though they may be having fun with the wind blowing through their hair, will not.” Yes, place can be boring, your classroom can be boring, but it is also where your mind rather than your body seeks adventure.

Let me offer another example of the same idea. America used to have a cartoon strip called “Through History with J. Wesley Smith.” J. Wesley Smith is a cartoon character. The artist shows him at various periods in history, sometimes as a Roman senator, sometimes as a Medieval warrior, but in whatever period he appears, he is always depicted as a self-important, pompous man. In one cartoon strip, he appears as a bourgeois merchant of the eighteenth century who has traveled all over the world. He stands before Immanuel Kant, the great philosopher, who sits at his desk writing the great opus “Critique of Pure Reason,” and says to him, “The trouble with you, Immanuel, is that you are bound to your desk. You should travel as I do and broaden your mind!”

Does travel really broaden the mind? We all know people--those with money or have retired who spend their leisure years trawling the world for amusement. Now, do we find them wise, or even

Há muitos anos proferi uma palestra sobre “Espaço e Lugar” no colégio Spring Harbor. Disse para os estudantes pré-adolescentes que espaço implica em aventura, novas experiências, mas também em risco: por exemplo, o barco em que seus colegas estão no Lago Mendota pode afundar. Os estudantes acenaram positivamente. Continuei “Lugar, ao contrário, é seguro e familiar. Sua sala de aula, que é onde vocês estão agora, é um lugar. Ela é segura e familiar, mas por esta razão ela pode ser tediosa”. Desta vez, eles não apenas concordaram como gritaram “Sim, esta sala é chata”. Eu fiquei chocado, tanto que não tive a perspicácia de dizer “Sim, talvez. Ainda assim, é precisamente neste lugar chato que vocês estão aprendendo sobre espaço e lugar. Seus amigos no Lago Mendota, apesar de provavelmente estarem se divertindo com o vento soprando em seus cabelos, não vão aprender”. Sim, lugar pode ser tedioso, sua sala pode ser chata, mas também é onde sua mente, e não seu corpo, procura a aventura.

Permitam-me oferecer outro exemplo da mesma ideia. Havia uma tirinha nos Estados Unidos chamada “Através da História com J. Wesley Smith”. J. Wesley Smith é a personagem da tirinha. O artista o coloca em vários períodos da história, algumas vezes como senador romano, outras como um guerreiro medieval, mas em qualquer período que ele apareça é sempre retratado como um homem pomposo e senhor-de-si. Em uma tirinha ele apareceu como um mercador burguês do século dezoito que viajou por todo o mundo. Ele se coloca diante de Immanuel Kant, o grande filósofo, que está sentado em uma mesa escrevendo sua grande obra “Crítica da Razão Pura” e diz: “O problema com você, Immanuel, é que você está limitado à sua mesa. Você deveria viajar como eu, para ampliar sua mente!”

Viajar realmente amplia a mente? Todos conhecemos pessoas – aquelas que têm dinheiro ou se aposentaram – que gastam seus anos de lazer viajando pelo mundo para se divertir. Podemos considerá-las

entertaining? Aren't we often bored by their stories? How is it that travel doesn't necessarily enlighten? The answer is that we are not as comfortable with the new as we like to think. We shield ourselves against the shock of the new by traveling with baggages of the old and well-known, especially well-known ideas. So equipped, we can go to the end of the world and still not leave home.

Travel is motion, as is walking, but the two are radically different in their effect on thinking. As I have just said, travel does not necessarily encourage thinking, but walking may well do so. The ancient Athenians believed it did. Aristotle's "Peripatetic" school is named after the Greek word for walking. And there is the famous story about the Greek sage Thales who, lost in thought while walking, fell into a well. Ancient Romans certainly believed in walking. Porticoes, an intrinsic part of Roman domestic architecture, served the purpose of providing shade for perambulation, reflection, and good conversation. To the Romans, it also promoted character. In later times, Europeans added health as another benefit. Walking, so it was believed, unclogged not only thought, but body fluids. In a letter dated 1847, the Danish philosopher Soren Kierkegaard wrote: "Above all, do not lose your desire to walk: every day I walk myself into a state of well-being and walk away from every illness; I have walked myself into my best thoughts, and I know of no thought so burdensome that one cannot walk away from it. On the other hand, the more one sits still, the closer one comes to feeling ill. Thus if one just keeps walking, everything will be all right."

Kierkegaard thought that the more one sits still, the closer one is to feeling ill. But isn't sitting still the correct posture for meditation? The Buddha is portrayed as sitting cross-legged, perfectly still; likewise the guru of popular imagination. Is there, then, a contradiction? Which

sábias, ou mesmo divertidas? Não ficamos frequentemente entediados com suas histórias? Por que a viagem não instrui necessariamente? A resposta é que não ficamos tão à vontade com o novo quanto gostamos de pensar. Protegemo-nos contra o choque do novo viajando com a bagagem do velho e do conhecido, especialmente das ideias bem estabelecidas. Equipados desta forma, podemos ir até o fim do mundo e ainda assim não sair de casa.

Viagem é movimento, como caminhar, mas os dois tem efeito radicalmente diferente no pensamento. Como acabei de dizer, a viagem não encoraja necessariamente o pensamento, mas andar pode estimulá-lo. Os antigos atenienses acreditavam nisso. A escola "Peripatética" de Aristóteles foi batizada com a palavra Grega que significa caminhar. Há a famosa história sobre o sábio grego Thales que, perdido em pensamentos enquanto caminhava, caiu em um poço. Os antigos romanos certamente acreditavam no caminhar. Os pórticos, parte intrínseca da arquitetura doméstica Romana, serviam ao propósito de sombrear a perambulação, reflexão e boas conversas. Para os romanos caminhar promovia o caráter. Em período mais recente os europeus adicionaram a saúde como outro benefício. O caminhar, assim era a crença, desobstruía não apenas o pensamento, mas os fluidos corporais. Em uma carta datada de 1847, o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard escreveu: "Sobretudo, não perca seu desejo de caminhar: todos os dias caminho em um estado de bem-estar e me afasto de todas as doenças; caminho para meus melhores pensamentos e não conheço pensamentos tão opressivos que não se possa andar para longe deles. Por outro lado, quanto mais a pessoa fica parada, mais perto ela fica de sentir-se doente. Dessa forma se a pessoa se mantiver andando, tudo estará bem."

Kierkegaard pensou que quanto mais a pessoa fica parada, mais perto está de sentir-se mal. Mas ficar parado não é a postura correta

bodily state promotes thinking, walking or sitting still?" "Both" is the correct answer, for both occur in "place." To be sure, one who sits cross-legged is in place, but how can walking be in place? Isn't it moving away from place to space? No, not if the thinker perambulates in his living room or in the colonnaded stoa, and not even if he walks in the countryside and covers some distance. Why? Because such movements are round-trips, and round-trips have no destination. They occur in an extended present. In this regard, they are unlike the journey, which, being linear and directional, is movement from one place to another, from "here" to "there," from where I am now--my present, to where I will be – my future.

Another difference between the round-trip and the journey is this: the round trip is familiar, done again and again, such that the walker feels little need to observe the scene he passes through. He is occupied, instead, with his thoughts—indeed, so occupied that he may fall into a well, as had happened to Thales. By contrast, the traveler on a journey does observe the scene he passes through if only to stay oriented, but he may also do so for the scene's novelty. My point is, whether one moves about in one's study, circumambulates the stoa of one's house, or takes a much longer round-trip in the countryside, one remains in "place." Being in place may be sensually unrewarding, but in the absence of external distractions, it is suited to thinking and reflection.

Human beings are body and mind. The body is equipped with the senses of taste, touch, smell, hearing, and sight. Through them we make contact with the environment and, in time, become firmly attached to it. That familiar environment we call home—an intimate place that is necessary to our survival and well-being. On the other hand, we also have mind: with it we are able to roam imaginatively in

para a meditação? Buda é retratado sentado de pernas cruzadas, absolutamente parado; como o guru da imaginação popular. Há, então, uma contradição? Qual estado corpóreo promove o pensamento, andar ou ficar parado? "Ambos" é a resposta correta, já que ambos ocorrem em um "lugar". É fácil ter certeza que uma pessoa sentada de pernas cruzadas está no lugar, mas como andar pode estar no lugar? Andar não é se mover do lugar para o espaço? Não se o pensador perambula em sua sala ou nas Colunatas do Pórtico, e nem mesmo se ele caminha pelo campo percorrendo alguma distância. Por quê? Porque tais movimentos são circulares, e não tem destino. Ocorrem em um presente estendido. Neste sentido, são diferentes de uma jornada, que, sendo linear e direcional, é movimento de um lugar para outro, "daqui" para "lá", de onde estou agora – meu presente, para onde estarei – meu futuro.

Outra diferença entre percursos circulares e a jornada é: percursos circulares são familiares, feitos repetidamente, de modo que o caminhante sente pouca necessidade de observar o cenário em que passa. Ao invés disso, ele está ocupado com seus pensamentos – de fato, tão ocupado que ele pode cair em um poço, como aconteceu com Thales. Ao contrário, o viajante em uma jornada observa o cenário pelo qual passa, nem que seja apenas para se orientar, mas também pela novidade. A questão é, quer se mova próximo ao escritório, quer perambule circulando os Pórticos de sua casa, quer faça um percurso circular muito maior pelo campo, a pessoa permanece no "lugar". Estar no lugar pode ser sensorialmente ingrato, mas a falta de distrações externas é adequada para o pensamento e a reflexão.

Seres humanos são corpo e mente. O corpo é equipado com os sentidos do paladar, tato, olfato, audição e visão. Por meio deles fazemos contato com o ambiente e, com o tempo, tornamo-nos fortemente ligados a ele. A esse ambiente familiar chamamos de lar

other worlds and realities. In a sense, then, we can regard our body as “place” and our mind as “space.” When we think, we are out of body, out of place, and indeed out of our senses. Primitive societies are suspicious of people who think. They are considered antisocial, a little crazy, and perhaps somewhat malicious, harboring thoughts invisible to others. Modern societies, by contrast, encourage the solitary, anti-social activity of thinking, for it has the potential to break through the logjams of convention. Even in primitive societies, day dreaming, if not active thinking, must be a commonplace of life. Thus, while discussing tribal business with other men in the long house, one member may find his thought drifting to images of his spouse and of what they will do together that night. He is, then, out of place, in space; or, rather, his body is in place, but his thoughts are elsewhere. Being simultaneously “here” and “there” may be unique to human beings. Are other animals—chimpanzees, for example—also capable of it? Or are they always in place—grounded by the senses with only sight--sight rather than imagination--providing an elsewhere?

A characteristic of modern people is that they do not feel bound to community and place. They travel for business and pleasure, and in their travels they encounter strangers who may become friends. Broadening their circle of friends to include those of another place and culture could seem an improvement over the tightly-knit worlds of kinsfolk and neighbors. But there is a downside, which is the superficiality of attachment to both place and person, the superficiality being a consequence of the briefness of the encounter and the lack of deep, mutual dependency. Life—modern life—then assumes a “lightness of being” that is not altogether reassuring.

During the last few decades, this “lightness” is exacerbated by an advanced electronic technology that annihilates distance. This is no doubt an advantage when we want to keep in touch, but it is also deeply

– um lugar íntimo que é necessário para nossa sobrevivência e bem-estar. Por outro lado, também temos a mente: com ela somos capazes de perambular imaginativamente em outros mundos e realidades. Nesse sentido, portanto, podemos considerar nosso corpo como “lugar” e nossa mente como “espaço”. Quando pensamos, estamos fora do corpo, fora do lugar e, de fato, fora dos nossos sentidos. Sociedades primitivas desconfiam de pessoas que pensam. Elas são consideradas antissociais, um pouco loucas, e um tanto maliciosas, nutrindo pensamentos que, para os outros, são invisíveis. As sociedades modernas, ao contrário, encorajam a solitária e antissocial atividade de pensar, porque ela tem o potencial de romper os impasses convencionais. Deve ser comum, mesmo em sociedades primitivas, sonhar acordado, ainda que isso não seja pensar ativamente. Deste modo, enquanto discute negócios tribais com outros homens na maloca, um membro do grupo pode descobrir seu pensamento derivando para imagens de sua esposa e o que eles vão fazer juntos naquela noite. Ele, então, está fora do lugar, no espaço; ou antes, seu corpo está em um lugar, mas seus pensamentos estão em outro. Estar simultaneamente “aqui” e “lá” pode ser único dos seres humanos. Outros animais – chipanzés, por exemplo – também são capazes disso? Ou eles estão sempre no lugar, presos pelos sentidos, apenas com a visão – visão e não imaginação – provendo outro lugar?

Uma característica das pessoas modernas é que elas não se sentem limitadas à comunidade e ao lugar. Elas viajam a negócios e lazer, e em suas viagens encontram estranhos que podem ser tornar amigos. Expandir seu círculo de amizades para incluir aqueles que pertencem a outro lugar e cultura pode parecer um incremento sobre o mundo fortemente unido e restrito de parentes e vizinhos. Mas há um lado ruim, que é o superficialidade da ligação tanto com o lugar quanto com as pessoas, a superficialidade como consequência da brevidade

troubling in that it shrinks our appreciation of sheer size—of barely imaginable distance--that has governed our sense of reality since the earliest time. Now, let's take a look at what constituted distance in the past and how it was invoked. I offer an example from two centuries ago. In Wordsworth's poem, "The Solitary Reaper," he has a Highland Lass reaping and singing alone such that, as he put it,

No Nightingale did ever chaunt
More welcome notes to weary bands
Of travellers in some shady haunt,
Among Arabian sands;
A voice so thrilling ne'er was heard
In spring-time from the Cuckoo-bird,
Breaking the silence of the seas
Among the farthest Hebrides.

The poet has located, at one geographical extreme, the Arabian Sands, and, at the other geographical extreme, the farthest Hebrides, a distance that, in Wordsworth's time, would have taken weeks for friends to communicate by mail. Today, in hotel rooms equipped with the Internet, I in Arabia and my friend in the Hebrides can not only chat with but also see each other, I in my T-shirt, he in his heavy sweater, thanks to our iPads. Will such easy contact weaken not only my appreciation of distance, but also my appreciation of friendship?

Consider, first, distance, then friendship. Today, distance can no longer be conveyed by two points set far apart on Earth or even two points set far apart in the solar system. Science-fiction writers resort to galaxies, but even there spacecrafts traveling at the speed of light swallow vast distance in seemingly no time at all. As for friendship, how does the collapse of distance affect it? It dilutes intensity. The parting of friends used to be a serious matter. A common theme in

do encontro e da falta de dependência mútua e profunda. A vida – moderna – assume então uma "leveza de ser" que não é totalmente reconfortante.

Durante as últimas décadas, esta "leveza" tem sido exacerbada pelo avanço da tecnologia eletrônica que aniquila a distância. Esta é sem dúvida uma vantagem quando queremos manter contato, mas é também profundamente preocupante à medida que diminui nossa apreciação da extensão em si mesma – da distância que mal se pode imaginar – que governou nosso sentido de realidade desde os primórdios. Agora, veremos como se constituía a distância no passado e como ela era evocada. Trago um exemplo de dois séculos atrás. No poema de Wordsworth "A Ceifeira Solitária" há uma donzela das Terras Altas (da Escócia) colhendo e cantando sozinha de tal modo que, como ele declama,

Nunca um Rouxinol cantou
Notas tão bem-vindas para essas bandas exauridas
De viajantes que frequentam,
As areias Árabes sombrias;
Um gorjeio tão emocionante jamais foi ouvido
Na primavera pelo pássaro Cuco,
Quebrando o silêncio dos mares,
Nas Hébridas distantes

O poeta localizou, em um extremo geográfico, as areias árabes e, no outro extremo, as ilhas Hébridas. Uma distância em que, no tempo de Wordsworth, levaria semanas para que amigos se comunicassem por carta. Hoje, em quartos de hotéis equipados com internet, eu, na Arábia e meu amigo nas Hébridas poderíamos não apenas conversar, mas também nos ver, eu com a minha camiseta, ele com seu agasalho pesado, graças aos nossos iPads. Tal contato fácil poderia não só enfraquecer minha apreciação da distância, mas também da amizade?

traditional Chinese poems is that of a man getting on his horse to leave for a distant post. As soon as he turns around, the friend who sees him off can feel keen loss, for the face of the traveler fades immediately, its endearing contour and hue not recoverable by mental effort. Prior to instant communication, it was this awareness of yawning space—and the time it took to overcome it—that gave an aura of wistful sadness to farewells.

The demise of distance also affects place and social life. Consider the following scenario. I sit alone in a coffee shop when three young women walk in, chattering as they do so. They go to the counter, buy lattes, and find a table around which they sit. I like to eavesdrop on the young, and I look forward to overhearing their exchanges. But no such luck, for each woman holds an iPhone in her hand and immediately bends over it to text a friend in another part of town. As to the depth of bonding, though the young women's kneecaps touch under the small table, they pay not the slightest heed to one another as flesh-and-blood human beings. Why they bother to be together in the first place is unclear. Also unclear to me is what they will talk about when they leave the premise. Having just texted friends in different parts of town or even farther afield, what gossip material can they share?

Places built in our time lack weight. They don't draw us back and hold us down as old places could. However attractive, we take leave of them—even childhood homes—without feeling uprooted. Significantly, people nowadays seldom complain of feeling uprooted and homesick. During the seventeenth and eighteenth centuries, homesickness was so common that Europe's medical profession felt obliged to give it a technical term with Greek roots—nostalgia—so that sufferers could confess it without appearing unmanly. Another word,

Considerem, primeiro, a distância, depois a amizade. Hoje a distância não pode mais ser considerada como dois pontos bem separados na Terra, ou mesmo dois pontos separados no sistema solar. Escritores de ficção científica recorrem a galáxias, mas mesmo lá as viagens de naves espaciais na velocidade da luz engolem vastas distâncias aparentemente sem dispendar tempo. Já sobre a amizade, como o colapso da distância a afeta? Ele dilui a intensidade. A partida dos amigos costumava ser uma questão séria. Um tema comum nos poemas chineses tradicionais é de um homem subindo em seu cavalo partindo para um posto distante. Assim que ele se vira, o amigo que se despede dele sente uma profunda perda, uma vez que o rosto do viajante esmorece imediatamente, seu cativante contorno e tonalidades são irrecuperáveis pelo esforço mental. Antes da comunicação instantânea, esta consciência entre o espaço abissal – e o tempo que levava para percorrê-lo – é que dava uma aura de tristeza saudososa às despedidas.

O declínio da distância também afeta o lugar e a vida social. Considere o seguinte cenário: estou sentado sozinho em uma cafeteria quando três jovens mulheres entram tagarelando como de costume. Elas vão ao balcão, compram cafés, e acham uma mesa para sentar. Gosto de escutar os jovens e estou ansioso para ouvir suas conversas. Mas não tenho sorte, porque cada mulher segura um iPhone em suas mãos e imediatamente se curvam sobre ele para mandar mensagem a um amigo em outra parte da cidade. Acerca da profundidade da ligação, apesar dos joelhos das garotas se tocarem sobre a mesa, elas não prestam a menor atenção uma à outra como seres humanos de carne e osso. Porque elas se importam em estar juntas não está claro. Também não está claro para mim sobre o que elas vão conversar quando saírem do local. Tendo apenas mandado mensagens para amigos em outras partes da cidade ou ainda mais longe, que tipo de fofoca elas podem compartilhar?

close to nostalgia in meaning, is “longing.” Longing can be for the dappled sunlight of childhood, and so, like nostalgia, it is an attempt to recapture in memory something of value in the past. But its older meaning is for immortality—one longs to be immortal—a state in the future. Shed this older meaning, longing can still be directed at the future, only it will be one on Earth. We cannot see the future, but we can and do imagine it. The question then is, If we are discontent with the present, which direction shall we look? To the past and indulge in nostalgia or to the future and indulge in longing? Resort to memory or to imagination? The one is weighted with tactile sensations, tastes, and odors, the other is largely visual. The one is “heavy,” the other “light,” but, whichever direction we choose, we should note that memory is not necessarily more truthful than imagination, since what is recalled in itself an imaginative reconstruction.

Places, in modern times, as I have said, lack weight. They don't have the emotional punch that they once had. Why? No doubt there are many answers, most of which tend to be abstractly couched such as increasing mobility, itself a consequence of economic and social change. I offer something more concrete, not so much an answer as a perspective, but a perspective that suggests an answer. It goes like this. Take a commodity that is considered to be a signal product of a place. Cheese is such a product in Wisconsin. What makes it special is that it is believed to embody the virtues of Wisconsin. The cheese can be transported to California, and there—on a grocer's counter—is a hunk of Midwestern wholesomeness. What about a human being? The same sentiment applies. We commend a young man when we say that he is born and bred in Wisconsin. The implication is that, should he move to New York, he will be an oasis of manly virtue in a sea of glitzy

Lugares edificados no nosso tempo carecem de peso. Eles não nos atraem e oprimem como podiam fazer os lugares antigos. Ainda que atraentes, podemos sair deles – mesmo sendo nossos lares da infância – sem nos sentirmos arrancados, desenraizados. Significativamente, as pessoas de hoje em dia raramente reclamam de se sentirem desenraizadas ou nostálgicas. Durante os séculos dezessete e dezoito, a saudade de casa era tão comum que a comunidade médica europeia se viu obrigada a criar um termo técnico com raízes gregas – nostalgia – de modo que os pacientes pudessem confessá-la sem parecerem afeminados. Outra palavra, próxima de nostalgia é “anseio”. Podemos ansiar pela desbotada luz do sol da infância e então, como a nostalgia, tentar recapturar na memória algo de valor do passado. Mas seu sentido mais antigo é de imortalidade – uma pessoa anseia ser imortal – um estado no futuro. Coberto este sentido mais antigo, o anseio pode ainda ser direcionado ao futuro, mas somente se ocorrer na Terra. Não podemos ver o futuro, mas podemos imaginá-lo e o fazemos. A questão então é, se estamos descontentes com o presente, que direção tomarmos? Para o passado entregando-se à nostalgia ou para o futuro e rendendo-se ao anseio? Recorrer à memória ou à imaginação? A primeira é carregada de sensações táteis, gostos e odores, a última é altamente visual. A primeira é “pesada”, a segunda “leve”, mas qualquer que seja a direção que escolhermos devemos notar que a memória não é necessariamente mais verdadeira que a imaginação, uma vez que o que é lembrado é uma reconstrução imaginária em si mesma.

Os lugares no período moderno, como eu disse, carecem de peso. Eles não têm o teor emocional que já tiveram. Por quê? Sem dúvidas há muitas respostas, muitas das quais tendem a ser abstratamente concebidas como o aumento da mobilidade, em si mesma uma consequência da mudança econômica e social. Ofereço algo mais

sophistication. These remarks are inspired by Rupert Brooke's poem "The Soldier," which has the soldier say:

If I should die, think only this of me;
That there's some corner of a foreign field
That is forever England. There shall be
In that rich earth a richer dust concealed;
A dust whom England bore, shaped, and made aware,
Gave, once, her flowers to love, her ways to roam
A body of England's, breathing English air,
Washed by the rivers, blest by the aura of home.

This soldier, to be England, has to be a child of nature, someone who roamed English fields and breathed English air. What if he is a British soldier of our time, born in Reading, grew up in Manchester, and earned a bachelor's degree in an American college? If he should die in Afghanistan, can a poet speak of him as a bit of England in a foreign land?

Rupert Brooke was a patriot. His poem "The Soldier" invokes a profound identification with and love of England. England is one's native land. England is one's home. But, given home no longer has the emotional power to bind it once had, won't the weakening also affect our attachment to nation? Yet nationalism shows little sign of waning. Why? Because whereas our attachment to home rests on good memories, our attachment to nation rests not only on good memories, but also on bad ones of defeat and humiliation. Hatred plays a part in love of country that it does not play in love of home.

Let me end this brief excursus into "space" and "place" on a personal note. I wrote a book with that title more than thirty-five years ago. At the time I wrote it, I thought that this book, unlike textbooks on regions and places that emphasize economic activity, is not likely to

concreto, não tanto uma resposta, e sim uma perspectiva, mas uma perspectiva que sugere uma resposta. Como a seguinte. Pensem em uma mercadoria considerada como produto-símbolo de um lugar. É o caso do queijo em Wisconsin. O que o faz especial é que se acredita que ele incorpora as virtudes de Wisconsin. Este queijo pode ser transportado para a Califórnia, e lá – no balcão da venda – ser uma fatia da totalidade do meio-oeste. E os seres humanos? O mesmo sentimento se aplica. Elogiamos um jovem quando ele diz que nasceu e cresceu em Wisconsin. A implicação é que, se ele mudar-se para Nova York, será um oásis de virtude masculina em um mar de sofisticação ostentatória. Estas observações são inspiradas no poema de Rupert Brooke, "O Soldado" no qual o soldado diz:

Se eu morrer, pense apenas isso de mim;
Que há algum canto em um campo estrangeiro
Que será para sempre Inglaterra. Que haverá
Naquela rica terra um pó ainda mais rico escondido;
Um pó a quem a Inglaterra pariu, moldou e conscientizou,
Deu suas flores para amar, seus caminhos para perambular,
Um corpo da Inglaterra, respirando ar Inglês,
Lavado pelos rios, abençoado pela aura do lar.

Este soldado, para ser Inglaterra, tem que ser um filho da natureza, alguém que percorreu campos ingleses e respirou ar inglês. E o soldado britânico de nosso tempo, nascido em Reading, criado em Manchester, e bacharelado em uma faculdade Americana? Se ele morrer no Afeganistão, um poeta poderá falar dele como um pouco da Inglaterra em terras estrangeiras?

Rupert Brooke era um patriota. Seu poema "O Soldado" evoca uma profunda identificação e amor pela Inglaterra. A Inglaterra é a terra natal. A Inglaterra é o lar. Mas, tal lar não possui mais o poder emocional de criar vínculos como já teve, este enfraquecimento não afetaria também nossa ligação com a nação? No entanto o nacionalismo não

get out of date. It addresses, after all, fundamental human experiences in the two universal realities of “space” and “place.” True, the book is still in print and is still being used, but it is in several respects dated, as I have tried to show in my remarks here; and it is dated because I have not quite realized the full extent of the impact that technological innovations can have on even our most basic experiences of space and place, and, therefore, also on the most intimate of human relationships and bonds. A cooling in intimacy, a loosening of bonds, a greater “lightness of being,” is this trend a good thing in the sense of giving us greater autonomy and freedom, or has it a downside in the sense of diminished commitment, diminished loyalty, not only to places, but to human individuals? I am old, so this question has, for me, an interest that is largely theoretical. But for you young people, it is not a theoretical question, for you will live through this trend and you can have influence over it. So, what do you think? And when you have given due thought, what do you propose to do? ☉

demonstra sinais de múnguua. Por quê? Porque ao passo que nossa ligação com o lar de baseia em boas memórias, nossa ligação com a nação se baseia não apenas em boas memórias, mas também nas más, de derrota e humilhação. O ódio representa um grande papel no amor pelo país, mas não o representa no amor pelo lar.

Permitam-se terminar esta breve incursão no “espaço” e “lugar” com uma nota pessoal. Escrevi um livro com este título há mais de trinta e cinco anos. Quando o escrevi, pensava que este livro, ao contrário dos livros didáticos sobre regiões e lugares com ênfase em atividades econômicas, não ficaria ultrapassado. Afinal, ele se endereçava à experiências humanas fundamentais nas duas realidades universais de “espaço” e “lugar”. É verdade, o livro ainda é impresso e tem sido amplamente usado, mas ele é datado em diversos aspectos, como tentei demonstrar em minhas observações aqui; e ele é datado porque eu não havia percebido a total extensão do impacto que as inovações tecnológicas poderiam ter em nossas mais básicas experiências de espaço e lugar, portanto, também nas mais íntimas relações e ligações humanas. Uma intimidade resfriada, um afrouxamento dos laços, uma maior “leveza de ser”, nesse sentido, uma coisa boa, já que tende a nos prover maior autonomia e liberdade, mas não há um lado ruim no sentido de diminuição do compromisso, diminuição da lealdade, não apenas aos lugares, mas também aos indivíduos humanos? Estou velho, então esta questão tem, para mim, um interesse amplamente teórico. Mas para os jovens, não é uma questão teórica, uma vez que vocês vão viver sob esta tendência e podem influenciá-la. Então, o que vocês pensam? E quando tiverem dado a devida atenção, o que pretendem fazer? ☉